

Espiritualidade, arte e educação: novos desafios para a formação do arteterapeuta

Maria Cândida Moraes

INTRODUÇÃO

Como trabalhar conceitualmente esta tríade? Qual o melhor caminho a ser percorrido? Busca-se um caminho onde a ciência possa dialogar com a consciência nutrida pela experiência vivencial dessas dimensões. Para tanto, é preciso que, como peregrinos, tenhamos vivenciado em nossa corporeidade todo o caminho, integrado estes três conceitos importantes. Caso contrário, nossas explicações cairão no vazio e se perderão no devir da história, por falta de sentido e significado para a maioria dos leitores deste ensaio.

Ao refletir a respeito desta tríade desafiadora, optamos pela escolha e inclusão de um outro elemento conceitual importante, por uma nova bifurcação do trajeto percorrido. Optamos por incluir um novo atalho que nos permita concretizar novas compreensões e explicações teóricas a respeito do tema proposto. Esta bifurcação passa pela inclusão da criatividade e pelo reconhecimento da transdisciplinaridade intrínseca ao processo criativo, como sendo uma das portas de entrada para compreensão do fenômeno da espiritualidade em sua relação com a criatividade, como manifestação do espírito criador que se materializa através da arte.

Muitas vezes, ao manusear um objeto artístico, ao adentrar em um estado de fluxo criativo em um processo de criação pictórica, imagética ou cênica, somos

levados pela intuição, pelo imaginário, pelas emoções e sentimentos que afloram, pelos insights e emergências que se manifestam no ato criativo, como expressão do potencial criador que resulta da materialização de uma obra de arte. Vivenciar essa riqueza fenomenológica da interioridade humana nos momentos de criação artística, dialogar com ela, sintonizar-se com uma realidade espiritual, unir-se à energia cósmica que a tudo unifica, continua sendo uma experiência profundamente enriquecedora, transformadora e, na maioria das vezes, terapêutica. É uma experiência que se torna inesquecível, indescritível e única e que nos transforma interiormente ao nutrir nossa energia vital, tornando-nos seres melhores, mais fortalecidos, magnânimos, generosos, seres transcendentais, que amam a vida e se comprometem com ela.

Para Dittrich (2018), por meio da criatividade na arte, o ser humano toma ciência de sua espiritualidade natural, que expressa sua maneira de ser no mundo, visando encontrar o sentido de seu viver. Assim, optamos por iniciar esta construção teórica incluindo também a criatividade como caminho para se chegar à uma espiritualidade natural, como algo emergente no processo criativo e que se materializa através da arte. A arte é fruto da fruição da criatividade do ser humano, algo que pode e deve ser potencializada pela educação. Trabalhar a criatividade, a espiritualidade, a arte e a educação, a partir da epistemologia da complexidade e da transdisciplinaridade, será o nosso grande desafio neste momento e a utopia, nutrida pela fé e esperança, nos leva a seguir adiante, de maneira confiante e esperançosa. Ela exige um aprofundamento teórico sobre os temas - criatividade, complexidade e transdisciplinaridade, para que possamos compreender a fenomenologia presente em tais processos.

Dialogando sobre criatividade

Várias são as obras acadêmicas escritas por Torre (2005), Dittrich (2010), Ribeiro e Moraes (2014) que nos informam que, durante mais de um século, o

estudo da criatividade tem sido aprisionado dentro de gaiolas epistemológicas disciplinares, envolvendo a psicologia e a pedagogia, sendo que as teorias mais difundidas e os termos mais utilizados vieram da teoria psicanalítica, da Gestalt e da psicologia humanista com Rogers, Maslow e Rollo May, segundo Alencar e Fleith (2003). Para Saturnino de la Torre (2005), a maioria das pesquisas sobre criatividade tem seus estudos baseados em pressupostos psicopedagógicos e em concepções personalistas, tendo como foco central a pessoa humana criativa. Para ele, existiria uma abundância de diferentes abordagens e definições, o que, certamente, revela a dispersão e a ausência de uma reflexão ontológica, epistemológica e metodológica sobre o fenômeno da criatividade (TORRE, 2005). De fato, a maioria dos docentes que trabalham esta temática, todavia, conservam as lentes cartesianas dualistas provenientes do período da modernidade, que teve seu início a partir do século XVII. Para Torre (2005), faltam reflexões aprofundadas sobre a natureza ontológica e epistemológica da criatividade, revelando, assim, a existência de um campo de investigação rico para uma nova via de pesquisa nesta área.

Em relação ao quadro teórico atual, as diversas definições sobre criatividade destacam a função essencialmente cognitiva desta capacidade humana, com ênfase, na resolução de problemas, como pode ser observado em Torrance (1976), bem como nas obras de Guilford. Nesta mesma direção, Romo apud Torre (2006:23) compreende a criatividade, em sua natureza cognitiva, como forma de pensar, cujos resultados denotam um produto que expresse valor e novidade. Para essa autora, o pensamento criador é uma forma especial de resolução de problema.

Para vários outros autores, dentre eles, citamos Sakamoto (2000), Wechsler (1993), Torre (2005) e Herrán Gascón (2009), a criatividade se mantém quase que exclusivamente concebida como uma dimensão humana que pode ser enquadrada em traços, atributos ou técnicas treináveis, na maioria das vezes tratadas de forma isolada. Grande parte das definições existentes define a

criatividade como forma de resolução de problemas, denotando que, na relação sujeito/objeto, o polo mais determinante, no momento do ato criativo ou da emergência de um insight, está no sujeito que precisa transformar determinada situação de não saber para saber como algo se resolve. Portanto, é o enfoque personalista, no qual a pessoa humana e o processo se apresentam como núcleo central de significado. Vários são os autores que chamam a atenção para a tendência humana em direção à autorrealização como força mobilizadora da criatividade, destacando também a importância de um ambiente propício à liberdade no ato de criar. Mas, apesar dos avanços significativos da área, é preciso rever e transcender este foco personalista em busca de novas dimensões epistemológicas e metodológicas nutridas pela evolução da ciência, que, por sua vez, vem ampliando tais compreensões.

Entretanto, para os objetivos deste trabalho, não pretendemos fazer um resgate conceitual da evolução histórica da criatividade. Não é este o objetivo do trabalho. Certamente, não desconhecemos os importantes trabalhos de estudiosos como Mihaly Csikszentmihalyi (1996;1999), Robert Sternberg (2006), Teresa Amabile (1999), entre outros. Neste momento, nosso interesse está em pontuar apenas aqueles autores, como Albertina Mitjás e Saturnino de la Torre, cujas preocupações sobre o tema reconhecem a fenomenologia complexa e transdisciplinar nele presente.

Em sua construção teórica, Albertina Mitjás (1997) avança conceitualmente na área ao trabalhar a criatividade sob a ótica da complexidade, como expressão de um processo complexo da subjetividade humana, tanto individual como social e que se expressa na produção de algo considerado novo e valioso em um determinado campo de ação humana. Para essa autora, a complexidade se apresenta no processo, na qualidade do produto, nas condições favoráveis à ocorrência das atividades criativas, na pessoa humana e nos processos de integração que unem os elementos envolvidos, especialmente, as pessoas e as suas circunstâncias. Ao compreender a criatividade em sua

fenomenologia complexa, a autora reconhece o seu caráter singular, recursivo, autoeco-organizador, contraditório e imprevisível, segundo Ribeiro e Moraes (2014). Sim, é a partir de Mitjás que, ao final dos anos 90, a criatividade começa a ser reconhecida como emergência de um sistema complexo.

Já Saturnino de la Torre (2005), em sua concepção interativa e psicossocial da criatividade, a concebe como um atributo vivo, dinâmico, sendo, para ele, inadequado conceituá-la como “criação, produto novo ou útil”, tendo a produção como ato consumado. É importante destacar que a visão ecossistêmica desse autor se coaduna com nossas observações e compreensões a respeito do tema ao reconhecê-la como fenômeno humano complexo, plural e multidimensional, a qual, mais do que defini-la, é preciso melhor compreendê-la em sua fenomenologia complexa e transdisciplinar. Já nesta década, Torre apresenta a criatividade a partir de uma nova conceitualização, tendo em vista sua natureza ontológica e epistemológica. Para ele, a criatividade revela-se “en términos de autoorganización y vibración cuántica transformadora. Algo así como una energía vibracional que fluye de nuestro interior al conjugar potenciales mentales, emocionales, corporeidad y transpersonales” (TORRE, 2019, p. 9).

Ribeiro e Moraes (2014), depois de uma análise da literatura da área apoiada em Sakamoto (2000), reconhecem que o conhecimento desenvolvido ao redor da criatividade abrange quatro enfoques básicos: (1) a ênfase na pessoa criativa, (2) nos processos mentais envolvidos, (3) na influência do ambiente e dos aspectos socioculturais sobre o ato criativo e (4) no produto criativo pautado em alguns critérios, como originalidade, fluidez, utilidade e flexibilidade. Mas, o que chama a atenção das autoras é a visão fragmentada com que são tratados esses aspectos, ora subestimando um ou mais elementos, ora superestimando dimensões humanas importantes, ainda não abordadas pelas definições existentes. Neste sentido, as autoras revelam a necessidade de promover certa ruptura com o repertório até então desenvolvido na literatura sobre criatividade, a partir de novas perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas, ou

seja, de novos horizontes teóricos para o estudo desta área, no sentido de oferecer ou de propor novos cenários para que esta importante dimensão humana possa ser mais bem cultivada nos ambientes educativos e profissionais. Será possível ampliar tais visões ou trazer algo novo e criativo, a partir das atuais explicações ontológicas e epistemológicas da ciência?

Mas, antes de sugerir uma outra abordagem criativa da própria criatividade, capaz de transitar por outras perspectivas teóricas e epistemológicas, vale a pena resgatar a visão sistêmica de Rollo May, apresentada em seu precioso livro intitulado “A coragem de criar”, publicado em 1975. Há mais de quarenta anos, esse prestigioso autor já destacava, com muita competência e lucidez, a interação consciente do sujeito com o mundo que o rodeia, informando que a criatividade se manifesta a partir de um “encontro” que se apresenta na própria dinâmica da vida, em função da inseparabilidade da subjetividade e da objetividade, em seu diálogo com a vida. Para Rollo May (1982:39), “o primeiro fator que notamos no ato criativo é a sua natureza de encontro”. Encontro com uma ideia, uma visão interior, um insight, um processo de iluminação qualquer, a partir de um certo engajamento que acontece no ato de criar, no ato de brincar, ou seja, uma criatividade emergente no momento em que o encontro se materializa.

Sabemos que o ‘encontro’ acontece sempre como aproximação de dois polos: “o polo subjetivo é a pessoa consciente no ato criativo (...) é o encontro do artista com o seu mundo (polo objetivo)” (MAY, 1982:39). Um mundo que se inter-relaciona com a pessoa o tempo todo e que emerge no momento do “encontro”, a partir de uma relação dialógica contínua, integrando o mundo e o indivíduo, na qual um não existe sem a presença do outro. Roberto Crema (2017),

Neste sentido, concordamos com Rollo May para quem não é possível situar a criatividade apenas como fenômeno subjetivo ou estudá-la somente a partir do que acontece no íntimo do sujeito. Isto porque, para esse autor, o polo correspondente do mundo é inseparável do polo da criatividade do sujeito,

sendo esta a expressão emergente de um processo de inter-relações da atividade da pessoa com o mundo (MAY, 1982). Esse autor ratifica sua visão ao expressar que “a criatividade é o encontro do ser humano intensamente consciente com o seu mundo” (MAY, 1982:53). E para que essa criatividade genuína se materialize, ela depende da intensidade do encontro (MAY, 1982). Depende, portanto, do arrebatamento do artista no momento de criar, no momento do encontro criativo, no instante em que acontece o acoplamento estrutural entre sujeito e objeto, dependendo também da intensidade de percepção e do alto nível de consciência do sujeito. Ora, esta compreensão de Rollo May a respeito da criatividade como emergência tem muito a ver com as explicações ontológicas e epistemológicas das perspectivas científicas do paradigma atual.

Mas, será, então, possível ampliar tais visões predominantes na produção científica da área e trazer algo novo e criativo a partir das explicações ontológicas e epistemológicas propostas pelos teóricos da ciência dos séculos XX e XXI? Será que o fenômeno da criatividade, como processo, não estaria também atuando, simultaneamente, tanto na realidade quântica do sujeito como na realidade macrofísica do objeto observado? Ao vivenciar o processo criativo, será que esse fluxo de informação que atravessa os diferentes níveis de realidade, ou de materialidade do objeto, não estaria também atuando, de modo coerente e simultâneo, nos diversos níveis de percepção do sujeito, influenciando sua consciência ao elaborar sua obra de arte? De onde surgem essas novas indagações? Quais são os fundamentos científicos que oferecem o devido suporte para esses questionamentos? Isto porque, entendemos que, no acoplamento estrutural do indivíduo com o objeto que está sendo criado, os fluxos energéticos e informacionais estão inter-relacionados ao compartilharem a mesma zona de não resistência¹, também conhecida como ‘zona do sagrado’ por Basarab Nicolescu (2005), como veremos mais adiante.

¹ Segundo Basarab Nicolescu (2005), a zona de não-resistência é aquela que não se submete a nenhuma racionalidade ou tipo de racionalização. Para ele (1995), esta é a zona correspondente ao lugar onde se

Mudanças nas perspectivas teóricas e epistemológicas da ciência

Com a revolução científica que ocorreu a partir das descobertas da Física Quântica, no alvorecer do século XX, a microfísica desembocou em uma relação complexa com a macrofísica, a partir do estudo das partículas elementares e das relações entre observador, processo de observação e objeto observado, operando-se, assim, uma grande mutação no estatuto ontológico do sujeito. Esta mutação provocou mudanças nas perspectivas epistemológicas do sujeito, do observador científico, influenciando também nossa compreensão a respeito dos processos de construção de conhecimento. Para Heisenberg, apud Verluis e Nicolescu (2018, p.32), *“o que observamos não é a natureza mesma, senão a natureza exposta ao nosso método de questionamento”*. Esses autores (2018:32) continuam nos dizendo que *“no velho modelo dualista da física supunha-se que haveria um observador discreto, separado do evento observado e, mediante o ato de observação, se poderia postular regras ou leis objetivas e todas elas eram consideradas separadamente. Entretanto, os novos modelos derivaram de que tal separação postulada era ilusória. O sujeito e o objeto não estavam separados e, de fato, poderia ser melhor considerado não apenas como entrelaçados, senão, talvez, como fundamentalmente conectados”*. A distinção ou a separação entre sujeito e objeto, ou entre objeto e objeto, é muito mais complexa do que se imaginava até então, pois não existe um contorno rígido, dicotômico, separando um do outro, mas, sim, um entrelaçamento, uma interconexão que se revela na existência de um *“continuum”*, a partir de uma série de acontecimentos sequenciais e ininterruptos.

Assim, fundamentados em Heisenberg (1993), Luckaks (1987) e nos trabalhos do físico Basarab Nicolescu (1999; 2001), sabemos que o observador perturba o objeto que, posteriormente, perturba o sujeito que o observa. Um abre

trabalha a intuição, o imaginário, a criatividade e o sagrado. É a ‘zona do sagrado’, aquela que não está submetida a nenhuma racionalização.

uma brecha no outro. Ambos estão acoplados e se influenciam mutuamente, sendo considerados sistemas abertos em processos de interdependência. O que acontece na realidade de um evento atômico é que a função probabilística gerada a partir de um processo de observação representa uma tendência para que algo aconteça e não propriamente uma certeza de que algo ocorrerá no transcurso do tempo.

O estudo das implicações ontoepistemológicas do enredo quântico demonstra que o que podemos pensar como fenômenos discretos e desconectados, em realidade, estão conectados a nível quântico. E o que parece ser válido para um nível, não é válido para o outro. Assim, todas essas explicações ontológicas acabaram desembocando nas relações sujeito/objeto, mente/corpo, razão/emoção, indivíduo/contexto, com seus respectivos desdobramentos também nos fenômenos da criatividade e da espiritualidade. Relações essas que implicam abertura, mestiçagem, flexibilidade, probabilidade, emergência, em função da interpenetração sistêmica em termos de energia, matéria e informação. A realidade passou, então, a ser fruto de uma **engenharia complexa**, produto de interações, inter-relações, inter-retroações e processos de interdependência (Moraes, 1997). Tudo está tecido junto, tanto no que se refere ao campo físico, como no biológico e no antropológico, embora a ciência moderna tentasse reduzir a complexidade fenomênica às suas unidades elementares e à ordem simplificada. A partir de Heisenberg (1993), percebeu-se que a complexidade também era fruto da probabilidade, ou seja, da possibilidade de ocorrências de interconexões, já que as partículas subatômicas não possuem significado enquanto entidades isoladas.

Complexidade

O conceito de complexidade surgiu com a Cibernética, mais precisamente com Von Neumann, que o usou pela primeira vez ao explicar os fenômenos da

auto-organização. Para Edgar Morin (2007), a complexidade passou a ser explicada, inicialmente, “*como a extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades*” (*ibid.*, p. 35). E se transformou em uma das categorias mais importantes que emergiu desta construção teórica, a partir das explicações e dos princípios da ciência contemporânea. Segundo Edgar Morin (1990), é um dos seus conceitos mais expressivos; um princípio que permite ligar as coisas, os fenômenos, os eventos. Implica, portanto, a existência de uma tessitura comum que coloca como sendo inseparavelmente associados o indivíduo e o meio, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações que tecem a trama da vida. Para Morin (1990:20), “*complexo significa aquilo que é tecido em conjunto*”.

A complexidade pauta-se, entre outros aspectos, pela indeterminação, pela imprevisibilidade entranhada no tecido do universo, pela diversidade constitutiva do real, pelas emergências presentes em todas as dimensões da vida, pela incerteza como expressão das múltiplas potencialidades do real e como condição do existir humano. Incerteza, como condição ontológica presente nas relações sujeito/meio, sujeito/objeto, indivíduo/sociedade/natureza.

Em sua dimensão organizacional, a complexidade nos revela que a realidade é multidimensional em sua natureza complexa, interdependente, mutável, constituída por diferentes níveis de materialidade e nutrida por fluxos ocorrentes no ambiente, a partir do que cada um faz. É contínua e descontínua, indeterminada em sua dinâmica operacional que se manifesta dependendo do contexto, das situações vividas e das circunstâncias criadas. Além da dimensão organizacional, a complexidade também possui uma dimensão lógica e, neste sentido, ela passou a ser compreendida como um princípio regulador do pensamento e da ação, capaz de articular relações, conexões, interações. Algo nos ajuda a organizar o pensamento para melhor compreensão da realidade, a ver os

objetos relacionamente, inseridos em seus respectivos contextos e dependentes deles. Com ela, Morin nos ajuda a religar, no domínio do pensamento e da ação, o que já se encontra, direta ou indiretamente, interligado na natureza, no mundo material. Desta forma, a complexidade não perde de vista a realidade dos fenômenos, não separa a subjetividade da objetividade e não exclui o espírito humano, o sujeito, a cultura e a sociedade (MORIN, 1996). É o olhar complexo sobre os fenômenos que nos permite, segundo esse autor (1996), encontrar um substrato comum à biologia, à física e à antropologia. E também a perceber que sujeito e objeto aparecem como duas emergências inseparáveis em suas relações autoeco-organizadoras (MORIN, 2007).

Com isto, queremos dizer que uma nova explicação ontológica apresenta desdobramentos lógicos e epistemológicos que se revelam a partir do que acontece nas relações sujeito/objeto, indivíduo/contexto, ou seja, nas relações ocorrentes entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e os diversos níveis de percepção do sujeito. Desdobramentos lógicos ao dar origem, a partir de sua formulação, à novas categorias de leitura da realidade, sendo que estas, muitas vezes, se apresentam de maneira oposta no mundo fenomênico. É o caso, por exemplo, da complexidade/simplicidade, da ordem/desordem, do equilíbrio/desequilíbrio, da continuidade/descontinuidade. Tais categorias, por sua vez, influenciam não apenas os aspectos epistemológicos, mas também os metodológicos, com seus respectivos reflexos na maneira como se concebe o conhecimento, a criatividade, a espiritualidade e se trabalha a natureza organizacional da matéria, ou seja, a lógica do objeto, das disciplinas ou áreas de conhecimento.

Por sua vez, Prigogine, em seu diálogo com Pessis-Pasternak (1993), nos informa que a ciência determinista clássica cedeu lugar a uma nova ciência pluralista, pois somos levados a "falar de pluralidade de níveis interconexos sem que nenhum deles possa mais se colocar como prioritário ou fundamental" (Pessis-Pasternak, 1993, p.37). A dimensão física já não é mais importante do que a

dimensão biológica, psicológica, social ou mesmo a dimensão espiritual. Todos os níveis fenomenológicos que constituem a realidade, o objeto, são importantes para a dinâmica da vida. Com isto, resgata-se a unidade complexa das relações sujeito/objeto, bem como a ecologia das relações, a ecologia dos saberes, o diálogo entre ciência e espiritualidade, entre espiritualidade e criatividade. Resgata-se também a complexidade inerente aos processos criativos emergentes, a partir do reconhecimento do caráter multidimensional do sujeito, com seus diferentes níveis de percepção e do caráter multidimensional da realidade, constituída por diferentes níveis de materialidade. Todos esses níveis existem simultaneamente e constituem uma totalidade.

Assim, temos um sujeito multidimensional em sua dinâmica interna e nos domínios das interações ocorrentes, dotado de suas estruturas perceptivas e lógicas, como também sociais e culturais, à disposição de seus processos de construção do conhecimento, de seus processos criativos e espirituais, já que a realidade não existe separada do ser humano, de sua lógica, de sua cultura e da sociedade em que vive. Simultânea e paralelamente, temos também uma realidade constituída por diferentes níveis fenomenológicos, por diferentes níveis de materialidade. Cada um desses níveis se encontra regido por leis diferentes e, conseqüentemente, por lógicas diferentes. Entretanto, tais níveis de materialidade do objeto convivem em seus processos interdependentes, ou seja, o nível macrofísico e microfísico convivem simultaneamente. Da mesma forma, os níveis físico, biológico e antropológico convivem a partir de sua dependência interativa, recursiva, autoeco-organizadora, presente em sua dinâmica funcional em rede, caracterizadora das relações sujeito/objeto, ser/realidade, indivíduo/contexto. Portanto, essas relações são inseparáveis entre si e essa inseparabilidade é algo intrínseco à natureza da matéria e permeia todas as dimensões da vida.

Basarab Nicolescu, por sua vez, nos informa que *“a estrutura da totalidade de níveis de realidade e de níveis de percepção é sempre uma estrutura complexa. Cada*

nível é o que é porque todos os níveis existem simultaneamente" (NICOLESCU, 2014:56). Fisicamente, somos o que somos, porque biológica, psicológica, social e espiritualmente somos o somatório de todas essas dimensões inseparáveis. Em realidade, somos uma totalidade. O indivíduo é um ser indiviso, nos diria David Bohm (1991). Desta forma, a ontologia complexa, ou seja, as explicações filosóficas a respeito do ser e do vir-a-ser nos informam que o ser está inserido no mundo. É parte dele ao trazer consigo a realidade que pretende objetivar. Ser e realidade estão imbricados em uma dinâmica organizacional de natureza complexa, produto de interações, de retroações, emergências, autoeco-organizações, de dinâmicas sinérgicas e convergentes, como também de dinâmicas desencontradas, aparentemente, divergentes, mas que, em realidade, são complementares.

Para Prigogine, a ciência clássica esqueceu a interioridade da natureza e ...*"hoje, vivemos uma reconceituação da física que aproxima o mundo interior do exterior"* e *que não coloca o homem e a natureza em oposição*",(...) *"ênfatizando a interdependência, podemos mostrar que a vida-e-não vida não se opõem"* (PRIGOGINE,1986, p.226). Unindo o interior e o exterior do ser humano, bem como os diferentes níveis de realidade constitutivos da matéria, está, portanto, a *complexidade*, considerada uma propriedade sistêmica organizacional de caráter universal e que nos permite melhor compreender o acoplamento estrutural entre os diferentes níveis de materialidade do objeto. Tal acoplamento energético, material ou informacional pode ocorrer tanto em um mesmo nível de materialidade, como entre diferentes níveis.

O importante é destacar neste momento que, ontológica e epistemologicamente falando, este enfoque implica a visão da existência de uma fenomenologia de natureza complexa e transdisciplinar em relação ao conhecimento humano, confirmando, assim, o caráter indissociável entre as experiências vividas e o operar das inteligências e das linguagens. Pressupõe, também, que tanto o conhecimento, a aprendizagem, como também os processos

criativos e espirituais, implicam processos interdependentes, constituídos por uma tessitura funcional em rede, envolvendo aspectos interativos, recursivos, dialógicos, construtivos, hologramáticos, autoeco-organizadores, assim como socioafetivos, culturais, emergentes e transcendentais, que influenciam nosso sentir/pensar, agir e criar.

E a transdisciplinaridade, o que tem a ver com a criatividade?

Partimos da compreensão de que, em sua dimensão lógica, ou seja, em sua dialógica², a complexidade nos oferece um outro panorama, uma outra cosmovisão, uma outra perspectiva teórica, uma nova tessitura conceitual que nos ajuda a avançar no que se refere ao processo de construção de conhecimento e à visão de mundo. Assim, para se construir um conhecimento transdisciplinar, capaz de transcender as fronteiras disciplinares, as áreas de conhecimento ou dimensões da realidade, é preciso trabalhar a partir desta outra lógica, já não mais dualista, capaz de ajudar a transcender o nível de realidade primordial, para que o conhecimento possa emergir em outro nível, superando contradições e ambivalências. Cada nível de realidade, como por exemplo, o macrofísico, o microfísico e a realidade virtual, requer um conjunto de leis para sua explicação. Essas leis se rompem na passagem de um nível a outro. Se não rompessem, o conhecimento ficaria restrito a um mesmo nível de realidade ou de materialidade do objeto. Por outro lado, o conceito de níveis de realidade pode também ser aplicado aos campos ou às áreas do conhecimento, aos domínios linguísticos, às dimensões da realidade fenomenológica, segundo Nicolescu (2002).

Dependendo do enfoque trabalhado, a transdisciplinaridade é compreendida de determinada maneira. A grande maioria dos artigos ou

²Segundo Morin, a dialógica é a unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes ou antagônicas que se nutrem, se completam, mas também se opõem e se combatem (MORIN, 1997).

ensaios acadêmicos trabalha a transdisciplinaridade em nível de conteúdo, integrando os conteúdos, articulando-os, a partir de diferentes disciplinas ou dimensões da realidade. Nesta nossa compreensão, busca-se a contribuição de diferentes dimensões da realidade, áreas ou campos do conhecimento, de diferentes domínios linguísticos, para a solução de um problema, ou elaboração de um projeto etc. Ao final, o resultado traz a contribuição das diversas áreas, mas não se enquadra em nenhuma delas. Ele amplia o conhecimento produzido e se materializa em um outro nível de realidade.

Entretanto, a partir de Nicolescu (2002), foi possível ampliar o conceito de transdisciplinaridade, a partir desses três conceitos - **nível de realidade, complexidade e lógica do terceiro incluído**. De antemão, informamos que esses conceitos nos ajudam a compreender determinados fenômenos relacionados ao conhecimento, à aprendizagem, à criatividade e à espiritualidade, trazendo também consigo um novo olhar para compreensão do processo criativo.

Mas, o que entendemos por transdisciplinaridade? Como ela se apresenta em relação ao conhecimento construído nos processos criativos? Para Nicolescu (2005), a transdisciplinaridade se refere à unidade do conhecimento que está além das disciplinas, ou seja, além da divisão artificial entre as ciências duras e as humanidades. Portanto, sob o seu ponto de vista, ela integra e transcende os limites disciplinares. É um conceito que emerge da Física Quântica e se baseia no reconhecimento de que existem diferentes níveis fenomenológicos, compreendidos tanto de forma ontológica como fenomenológica. Para ele (2005), a realidade comporta diferentes níveis de materialidade, como observado anteriormente. Sabemos que a cada nível de realidade corresponde uma categoria de fenômenos específicos e a cada um deles corresponde um tipo de escala e um tipo de percepção por parte do observador. O acesso a cada nível ou escala, em termos do conhecimento humano, acontece a partir dos diferentes níveis de percepção daquele que observa. Entretanto, para a Física Quântica, uma lei física que é válida para um nível, pode não ser válida ou aplicável em outro

nível. Isto porque a existência de um nível diferente de realidade, ou de materialidade, está associada a alguma *ruptura* de lógica, de leis, de linguagem ou de princípios. Exemplo, as leis que são válidas para o nível macrofísico não funcionam para o nível de materialidade quântica como, por exemplo, a causalidade local, o determinismo, a continuidade, a objetividade, que são princípios válidos para a realidade clássica, mas que não funciona para a realidade quântica.

Nicolescu, em várias de suas obras, artigos e ensaios, ratifica a definição por ele construída de que a *“transdisciplinaridade é aquilo que transcende as disciplinas, que está entre, através e além das disciplinas”* (NICOLESCU, 1999:33). Transcende o que aí está ao romper com a lógica binária e ao reconhecer o dinamismo energético intrínseco do que acontece em outro nível de realidade. Mas, o que é que está além das disciplinas? Em sua essência, a transdisciplinaridade trata da relação sujeito/objeto. Portanto, trata-se de uma relação epistemológica e metodológica. Além das disciplinas, dos objetos do conhecimento, dos níveis de realidade que se apresentam, está o sujeito, o ser humano inserido em uma realidade complexa a ser conhecida. Está o sujeito com seu pensamento racional, empírico e técnico, mas também com seu pensamento simbólico, mítico e mágico, nutrido por sua intuição e espiritualidade. Um sujeito em toda a sua multidimensionalidade e inteireza. *“A transcendência imanente à transdisciplinaridade é a transcendência do sujeito”*, nos ensina Nicolescu (2014: 56).

Assim, a abordagem transdisciplinar, além das interações disciplinares, reintroduz e reafirma uma epistemologia do sujeito e da subjetividade, segundo Patrick Paul (2013). *“Uma epistemologia que se integra ao objeto e aos objetivos científicos e com eles se articula, desembocando em um além das disciplinas científicas, abrindo o campo do conhecimento aos saberes não acadêmicos e ao autoconhecimento”* (PAUL, 2013, p. 83). O que isto significa?

Significa que o conhecimento transdisciplinar não seria apenas produto do que acontece no sujeito ou no objeto transdisciplinar, mas do que acontece nas

interações intrassubjetivas e intersubjetivas com o objeto transdisciplinar. Ou seja, é produto do que acontece, simultaneamente, no interior do sujeito com aquilo que lhe é exterior. Produto, portanto, dessa interatividade dinâmica de natureza intrassubjetiva e intersubjetiva, em função do acoplamento estrutural energético, material ou informacional com o que acontece ao seu redor. O conhecimento transdisciplinar decorre dessa dinâmica complexa, não linear do conhecimento, que pressupõe movimento constante e condições de percepção dessa tessitura comum por parte daquele que conhece, ou seja, da capacidade de compreensão de sua dinâmica complexa.

Para Nicolescu, a definição acima implica o uso de uma epistemologia e de uma metodologia estruturada a partir da articulação competente desses três pilares: **Complexidade, níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído** (NICOLESCU, 2002). Pressupõe, portanto, aspectos epistemológicos e metodológicos desenvolvidos a partir de uma **ontologia complexa**. Essa expressão nos indica que as relações sujeito/objeto, ser/realidade, são de natureza complexa, portanto, dinâmica e operacionalmente inseparáveis entre si, pois o sujeito traz consigo a realidade que tenta objetivar. É um sujeito, um ser humano que já não fragmenta a realidade, que não descontextualiza o conhecimento. Um sujeito multidimensional, portanto, nutrido por todas as suas estruturas perceptivas e lógicas, como também sociais, culturais e espirituais, à disposição de seu processo de construção do conhecimento, já que a realidade não existe separada do ser humano, de sua lógica, de sua cultura e da sociedade em que vive.

Esta ontologia complexa requer, por sua vez, uma epistemologia correspondente. Neste caso, requer a epistemologia da complexidade, nutrida pelos operadores cognitivos³ para um pensar complexo e transdisciplinar. Esses

³ Operadores cognitivos para um pensar complexo são instrumentos ou categorias de pensamento que nos ajudam a pensar complexamente. Dentre alguns citados por Morin (1995), temos os princípios dialógico, recursivo, retroativo, hologramático, autoeco-organização, entre outros.

operadores, como instrumentos do pensamento, nos ajudam a trabalhar as relações do que acontece entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e os níveis de percepção do sujeito, promovendo, assim, o diálogo entre as diferentes dimensões da vida, entre diferentes saberes ou domínios linguísticos. A epistemologia da complexidade, por sua vez, exige uma metodologia congruente com tais princípios, a partir do uso de outra lógica, denominada por Nicolescu (1999), de lógica ternária⁴ e que permeia nossas reflexões e ações cotidianas. Assim, fica mais fácil resolver os conflitos, compreender as contradições, as divergências e os pontos de vista diversos, reconhecer as diferentes maneiras de se interpretar a realidade, percebendo melhor os problemas e possibilitando o encontro de soluções. Isto porque sempre existirá uma terceira alternativa material, energética ou informacional ainda não explorada e que vai além da dualidade, além disto ou daquilo já conhecido.

Entende-se por lógica ternária, ou lógica do terceiro termo incluído, aquela que admite a possibilidade de inclusão de um terceiro dinamismo energético ou informacional, de uma outra modalidade de interação em que o termo <<T>> (como inicial do terceiro incluído) é, ao mesmo tempo, A e não A. É o caso, por exemplo, da onda e da partícula que se materializam como *quantum*, sendo este o terceiro dinamismo energético possível de ser considerado e que está além da dualidade. A nova dinâmica <<T>> age como uma força conciliadora entre ambos. Em relação aos processos de ensino e aprendizagem, não existiria sempre uma terceira ou quarta possibilidade de interação ou alternativas não exploradas, entre duas polaridades já conhecidas ou exploradas?

Isto significa que o conhecimento transdisciplinar, produto de uma tessitura complexa, dialógica e autoeco-organizadora entre sujeito e objeto, emerge em um outro nível diferente daquele que lhe deu origem. Para tanto, ele

⁴A lógica ternária, ou a lógica do terceiro termo incluído, é aquela pautada no axioma do terceiro incluído, que diz: existe um terceiro termo T que é, ao mesmo tempo, A e não-A (NICOLESCU, 1999). Este axioma lógico diz que a passagem de um nível de realidade a outro é assegurado pela lógica do terceiro incluído (NICOLESCU, 2014:56).

é tecido nos interstícios, nas tramas da intersubjetividade dialógica, nos meandros da pluralidade de percepções e significados emergentes, a partir de uma dinâmica complexa presente nos fenômenos, eventos e processos constitutivos da realidade. Para tanto, não se opera no nível da fragmentação da realidade e, conseqüentemente, da fragmentação disciplinar, mas na unidade do que é diverso, na unidade aberta da espiral evolutiva do conhecimento ou do processo criativo. É, portanto, um conhecimento que é produto de interações ocorrentes entre os níveis de realidade representativos do objeto e os níveis de percepção e de consciência do sujeito. É também um conhecimento que ajuda a estabelecer a correspondência entre o mundo exterior do objeto e o mundo interior do sujeito.

Assim, a epistemologia da complexidade, como elemento constitutivo da matriz geradora da transdisciplinaridade, nos informa que ela é produto de uma dinâmica que envolve a articulação do que acontece nos níveis de realidade e nos níveis de percepção dos sujeitos, junto também de uma lógica ternária que trabalha a passagem do conhecimento de um nível de realidade a outro, reconhecendo a complexidade estrutural que une os diferentes níveis, as diferentes disciplinas e que nos revela que toda identidade de um sistema complexo está sempre em processo de vir-a-ser. É algo inacabado, sempre aberto, em evolução, em mutação, em processo de transformação, assim como acontece com a ciência, com a espiritualidade e com a própria dinâmica da vida.

A partir desta compreensão, todo conhecimento transdisciplinar é aberto, vai além do horizonte conhecido, implicando travessia de fronteiras, mestiçagem, criação permanente, aceitação do diferente e renovação das formas aparentemente acabadas de conhecimento. Pela transdisciplinaridade, transcendemos, criamos algo novo, que pode surgir a partir de um *insight*, de um instante de luz na consciência humana, de processos intersubjetivos em sinergia, onde algo acontece envolvendo as diferentes dimensões humanas. Ela reconhece a importância das emoções, dos sentimentos e afetos, bem como a voz da intuição

ao colocá-la em diálogo com a razão e com as emoções subjacentes. Enfim, entende a subjetividade humana não como uma realidade coisificante, mas como um processo vivo e multidimensional do indivíduo/sujeito concreto, atuante e criador do mundo ao seu redor.

Assim, todo conhecimento de natureza transdisciplinar, assim como o processo criativo, procura explorar aquilo que circula entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e de percepção dos sujeitos, aquilo que se encontra na ordem implicada, dobrada, escondida dentro de cada um de nós. Ou seja, trabalha aquilo que é subliminar, que habita a região em que nossos sentidos, muitas vezes, não são capazes de alcançar, de analisar, de decodificar em um primeiro momento e que requer outras dimensões humanas, como a intuição, o imaginário, a criatividade, para sua melhor compreensão, a partir de um diálogo fecundo com a razão e com a espiritualidade.

A criatividade como expressão de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar

Começemos, pois, lembrando que as atividades criativas são aquelas que propiciam uma experiência de inteireza, de plenitude, algo em que o sujeito está envolvido por inteiro em sua multidimensionalidade e que exige certa flexibilidade estrutural de pensamento, de ação, de fluência cognitiva, espiritual, psicológica ao lidar com um objeto ou ao vivenciar determinado processo. São experiências ou vivências sentidas profundamente, não definíveis por palavras, mas compreendidas pela fruição, nutridas pelos insights, povoadas pela fantasia, pela imaginação e pelos sonhos que se articulam como teias urdidas com os materiais simbólicos.

Na atividade criativa, o que mais importa é o momento vivido, o processo, a experiência vivenciada, as sensações percebidas, a atenção focada, o grau de

satisfação obtido e não apenas o resultado ou produto validado pela sociedade. Conforme a intensidade e o grau de percepção da experiência criativa, ela leva ao encontro do sujeito consigo mesmo e com o outro, ao desenvolvimento da fantasia e do imaginário, a viver momentos de ressignificação e de percepção mais intensa e apurada, momentos de autoconhecimento e reconhecimento do outro. Enfim, são momentos criativos, intensos e significativos, de vivência plena do aqui/agora, integrando intuição, ação, pensamento e sentimento em processo de fruição, ou seja, o sentir/pensar/agir/criar de maneira integrada e fluída.

Tal processo nada mais é do que a expressão de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar, cujas explicações requerem o reconhecimento da existência de uma base ontológica complexa ao perceber, na natureza e no conhecimento desta natureza, a presença, simultânea, de diferentes níveis de materialidade do objeto de arte que vai sendo transformado e de diferentes níveis de percepção do sujeito criativo atuando sobre a realidade na tentativa de objetiva-la, ou seja, de cria-la. Isto porque, ao atuar sobre o objeto, em suas múltiplas possibilidades de materialidade, diferentes níveis de percepção, potencialmente presentes no ser humano, são acionados em um processo de fruição correspondente. De tal modo que o fluxo de pensamento e de consciência que cruza, de modo coerente, os níveis de percepção do sujeito, deve corresponder ao fluxo de informação que cruza, também de modo coerente e simultâneo, os diferentes níveis de materialidade do objeto. Isto porque ambos, integram uma totalidade, segundo o renomado físico David Bohm (1991).

Uma totalidade em *holomovimento*⁵ nos diria ele (1991), como algo que se manifesta, se explicita e se desdobra e que, posteriormente, se recolhe à uma ordem implícita. Na ordem implícita, o que se torna visível é somente uma parte mínima da ordem abrangente. Essa ordem mínima que se desdobra e se revela

⁵ Holomovimento, para o físico David Bohm, “é a esfera do que é manifesto. E o que é manifesto está flutuante e abstrato no holomovimento. O movimento básico do holomovimento é o recolhimento e o desdobramento. (...) toda existência é, basicamente, um holomovimento que se manifesta numa forma relativamente estável” (BOHM, 1991, p. 47).

poderá voltar à ordem abrangente e não-manifesta para, em seguida, descrever um movimento contrário (BOHM 1991) Para ele, existiria uma ordem oculta, uma dimensão implícita, a fonte de toda a matéria explícita de nosso universo espaço-temporal. Assim acontece com os nossos processos intuitivos e com as nossas inspirações e que, posteriormente, se materializam em obras de arte. O processo criativo aciona esta fonte implícita e faz com que algo se desdobre e se materialize no mundo tridimensional dos objetos, tornando-se explícita. Para Bohm, *“a ordem implícita é o fundo abrangente de nossa experiência física, psicológica e espiritual (...) e que ultrapassa e muito o que chamamos de matéria”* (1991, p. 45). Para Bohm (ibid. p.49), *“a matéria é apenas uma ondazinha nesse contexto (...) é um pequeno desdobramento dele.* Em seu belo diálogo com a filósofa Renée Weber (1991, p. 39), David Bohm nos informa que *“por intermédio de nossos pensamentos, mudamos a existência da natureza”* (...) *“a palavra não apenas reflete o mundo, também cria o mundo”* (ibid. p. 39).

Ao tentar compreender a criatividade como expressão de um estado de consciência transdisciplinar, no qual se dá uma experiência de plenitude, como estado interno do sujeito que vivencia o ato criativo, vem à nossa mente o conceito de “experiência ótima” de Mihaly Csikszentmihalyi (1999), a partir do qual se pode chegar ao êxtase e à autorrealização. Para esse autor (1999), o *estado de experiência ótima* seria aquele em que o sujeito se sente possuído por uma sensação de prazer e de bem-estar, um momento de concentração ativa naquilo que realiza. É como se reinasse harmonia entre as necessidades internas e os acontecimentos externos, entre o eu devo e o eu quero. É o que está acontecendo, por exemplo, durante a escrita deste texto, como sendo um momento de grande desafio criativo. Neste instante, existe harmonia entre o corpo, a mente e o espírito, entre o sentir, o pensar, o agir e o criar, pois estamos realizando o que realmente gostaríamos de estar fazendo agora. É um momento de entrega, em que vivenciamos o estar em fluxo. Estamos por inteiro, com atenção plenamente focada na atividade desenvolvida, não percebendo o passar das horas. Não

importa o calor que está lá fora, se está frio ou quente, se existe silêncio, se a chuva está forte ou se um pássaro está cantando. O que importa é a qualidade do trabalho realizado, a pertinência da tessitura conceitual e a confiabilidade da teoria elaborada, a qualidade técnica dos conceitos trabalhados e se desafio teórico proposto está sendo resolvido. São momentos de escuta da inteireza humana, de percepção mais aguda da complexidade que entrelaça o sentir, o pensar, o agir e o criar, onde todas estas dimensões estão sob uma certa tensão prazerosa, que se manifesta na escrita deste texto criativo.

Assim, entendemos que nesta dinâmica operacional de natureza criativa não é apenas o olhar sobre o sujeito que deva prevalecer e muito menos sobre o objeto. O importante é reconhecer a dinâmica operacional de natureza complexa e transdisciplinar ocorrente na atividade criativa e que articula ambos, como produto de um processo em que os dois estão profundamente implicados, sabendo, de antemão, que todo objeto isolado, descontextualizado, carece de sentido e significado. Da mesma forma, acontece com o sujeito. As emoções, as intuições, o imaginário, que favorecem o fluir em uma experiência criativa, dependem das condições e das circunstâncias envolvidas, das circunstâncias geradoras de um determinado campo energético e vibracional que favorece, ou não, o desenvolvimento da atividade criadora e a expressão da criatividade. É este campo energético e informacional que nos ajuda a estabelecer a ponte entre a realidade interior do sujeito e a realidade material do objeto, entre a motivação intrínseca do sujeito e a motivação extrínseca catalisada por sua relação com o objeto que está sendo construído.

Em realidade, “o campo organiza a energia. O campo cria as entidades. Campo e energia, na verdade, são inseparáveis”, nos diria Sheldrake (1991, p. 151). Para ele (1990), o fator que caracteriza a vida é o estado de fluxo e que, na base dos processos de mudança e de transformação presentes na natureza, existe um fluxo energético, onde “a energia é o princípio da mudança; é o princípio causativo de qualquer processo de transformação” (1990:56).

De certa maneira, essas explicações coadunam-se com a visão de Karl Pribram (1991), ao explicar que o nosso cérebro possui a capacidade de processamento paralelo, sendo um complexo analisador de ondas de diferentes frequências vindas de dimensões que transcendem o tempo e o espaço. O cérebro seria, para Pribram, um holograma interpretando um universo holográfico e os acontecimentos podem ser afetados por aquilo que imaginamos e visualizamos. É também Pribram quem explica que “*o cérebro, num dos estágios de processamento, executa análises no domínio de frequências*” (1991:35). Para ele, isto acontece na junção entre os neurônios e não dentro deles, pois, o cérebro funciona como um todo, em consequência das interações sinápticas.

Por sua vez, a física belga Teresa Versyp (2006) também nos informa que cada átomo, cada molécula ou cada célula tem uma banda eletromagnética ressonante de certa amplitude, a qual emite energia eletromagnética como também a absorve. Assim, cada sistema em comunicação com o mundo exterior, transmite e recebe de acordo com o seu padrão vibracional ou seu espectro de frequência ressonante caracterizador do nível de realidade em que ele se encontra. Isto nos confirma o que intuitivamente muito de nós já sabíamos: *que cada ser humano apresenta um padrão vibracional*. Tem sua banda de frequência, através da qual pode comunicar-se, relacionar-se com o mundo exterior, perceber-se e estar no mundo. Para ela, a Física Quântica, “*abarca a dimensão energética do ser humano e da mente*” (Versyp, 2006:6).

Com tudo isto, queremos destacar que cada ser humano apresenta um padrão vibracional, tem sua banda de frequência pela qual pode comunicar-se, relacionar-se com o mundo exterior, perceber-se e situar-se no mundo em que vive/convive. Dependendo do que acontece no seu nível biofísico, de seu estado de saúde física, mental e emocional, cada sujeito apresenta um padrão vibracional que pode ser mais elevado, mais sutil ou denso.

Todo ato criador implica, portanto, processos de natureza complexa, onde a linearidade e o determinismo não estão presentes. Não adianta tentar criar determinadas circunstâncias ou determinado campo vibracional, pensando que, assim, estariam garantidas as condições necessárias para a expressão da criatividade do ser humano. Acontece que se a criatividade é fruto de uma motivação interna catalisada ou relacionada a algo que lhe é externo, entendemos que, em acordo com Maturana (1999), nada do que acontece ao sujeito pode ser pré-determinado, pois a expressão ou a manifestação do ato criativo é um tipo de emergência que pode ou não ocorrer. Daí também a consciência de sua complexidade intrínseca. Isto porque a incerteza, o indeterminismo e o acaso são aspectos ontológicos na relação sujeito/objeto, sujeito/realidade, já que o sujeito perturba o objeto e este perturba o sujeito. Recursivamente, um abre uma brecha no outro, a partir da interpenetração sistêmica, em termos de energia, matéria ou informação, que acontece entre ambos. É preciso que ocorra um acoplamento estrutural entre ambos, entre o sujeito e a realidade objetiva, que nada mais é do que o “encontro” sob o olhar de Rollo May, que pode ou não acontecer. Isto porque nesta relação, a *incerteza* poderá estar presente, já que não somos sujeitos pré-determinados, mas influenciados pelo que acontece ao nosso redor. Influenciados, mas não previamente determinados.

Isto porque a incerteza estará sempre presente como fruto de inter-retroações, de processos autoeco-organizadores que produzem emergências e transcendências. Para Edgar Morin (1996), toda ação humana é ontologicamente complexa, ao se mover nas incertezas das relações interdependentes. A incerteza, como parte constitutiva da natureza da matéria e, portanto, da vida, nos diz que não se pode garantir, avaliar ou medir com precisão todas as variáveis intervenientes nos processos e nem tampouco se pode predizer o que acontecerá em um determinado instante.

Talvez seja esta uma das razões pelas quais, muitas vezes, se tenta desenvolver atividades criativas em grupo e a criatividade se manifeste para

alguns e não para todos. Nem sempre a sinergia entre os indivíduos acontece, ou entre o sujeito criativo e sua obra de arte. Nem todos chegam ao estado de percepção e de consciência pretendido ou a sentir o mesmo grau de plenitude inerente à vivência de um determinado processo criativo. Por mais que os elementos do grupo possam querer potencializar a sua manifestação, nem todos conseguem vivenciar a experiência de fluxo inerente à vivência do ato criativo em função de várias interferências intrassubjetivas ou intersubjetivas presentes nos diversos fatores constitutivos das relações sujeito/objeto. Essas dependem muito do contexto, do campo energético e vibracional para sua materialização e ressignificação.

Fazendo um outro contraponto com o Pensamento Complexo de Edgar Morin, entendemos que a criatividade é fruto de processos dialógicos, recursivos, auto-organizadores, emergentes e transcendentais, entre sujeito e objeto. Como observado anteriormente, a dialógica constitui uma das formas operativas mais importantes do Pensamento Complexo, implicando, assim, a associação complexa de diferentes instâncias necessárias à emergência de um determinado fenômeno. É o que acontece com o fenômeno da criatividade, pois, para que ele se expresse, é preciso romper a dicotomia existente entre a mente e o corpo, entre o consciente e o inconsciente, a matéria e o espírito, o sentir, o pensar, o agir e o criar, reconhecendo, assim, a importância da intuição, do imaginário, da emoção e da sensibilidade para a emergência deste potencial humano.

Para Morin (1995), a dialógica acontece para dar conta da associação do que é aparentemente antagônico, a partir da ideia de união dos contrários. Sua representação é a espiral como imagem itinerante de algo que está sempre em processo, algo sempre inacabado. Desta forma, a vivência do estado de consciência no ato criativo é também fruto desta espiral recursiva de natureza complexa, do diálogo interno do sujeito ao agir sobre o objeto externo, das relações entre equilíbrio, desequilíbrio e movimento, entre subjetividade e objetividade, como bases estruturantes presentes na dinâmica da vida. A

dialógica favorece as relações, potencializa as trocas, os intercâmbios, as simbioses, as inter-retroações ocorrentes entre entidades físicas, biológicas, químicas e psíquicas que comandam a organização viva, em especial, o ser humano e a sociedade e, neste sentido, também estão presentes nas atividades lúdicas e criativas.

Aprofundando um pouco mais, a presença da transdisciplinaridade nos processos criativos nos ajuda a melhor compreender a fenomenologia complexa inerente à atividade criativa. Em Rollo May (1982) e em Mihaly Csikszentmihalyi (1999) encontramos várias explicações sobre a criatividade e o processo criativo, relacionando-os com aquelas vivências que propiciam a plenitude da experiência; com aquelas situações de êxtase quando o sujeito vivencia uma experiência plena ao se libertar da dicotomia que se apresenta na maior parte das atividades humanas. É um momento de entrega total do ser humano, envolvendo corpo, mente e espírito. Momentos em que a criatividade se expressa como experiência interna congruente com a motivação externa, como estado de consciência; como práticas que implicam inteireza, integridade e presença; práticas que possibilitam o acesso aos sentimentos mais profundos, o contato com as forças criativas e restauradoras da vida e que nos ajudam a entrar em contato com nossa própria essência.

Sob a ótica da transdisciplinaridade fenomenológica, concebemos a criatividade como expressão de uma vivência de natureza complexa, geradora de um conhecimento de natureza transdisciplinar, que se materializa a partir das atividades desenvolvidas e das relações emergentes no encontro do polo subjetivo com o polo objetivo representado pela realidade dos objetos. Para tanto, ao nos implicarmos no desenvolvimento de uma atividade criativa, um fluxo energético e informacional surge, atravessando, os diferentes níveis de materialidade constitutivos do objeto ali presente e que, ao ser manuseado, vai sendo transformado, adquirindo diferentes formatos, cores, sons e dimensões. Por exemplo, uma determinada atividade criativa pode envolver ou requerer

informações e saberes de diferentes áreas de conhecimento, cuja dinâmica passa a ser explorada a partir da religação de determinados aspectos, do diálogo com os objetos, das interações ocorrentes, buscando descobrir novas potencialidades, convergências, divergências, em busca de um conhecer mais global, integrado e abrangente, e que envolve os diferentes conhecimentos disponíveis, além dos saberes provenientes das camadas mais profundas do ser.

Ao manusear o objeto, ao explorar sua natureza lúdica e criativa, entramos em um estado de fluxo criativo, ultrapassamos as barreiras que as áreas do conhecimento nos oferecem e construímos um saber diferenciado ou um objeto diferenciado, algo somente percebido a partir da ampliação do nível de percepção do ser humano ao se conectar com o objeto e que para ser construído em outro nível de realidade, requer processos intuitivos, criativos e imaginários. É um produto ou um conhecimento que, para se manifestar como tal, atravessa as fronteiras dos saberes e informações disponíveis, indo além do objeto que ali inicialmente se apresentava. Isto acontece ao manusear um objeto e ao nos implicarmos em uma atividade criativa que exige esforço mental, concentração, atenção focada, encadeamento de pensamentos racionais, intuitivos e imaginários que acontecem em um movimento de fruição, mediante o esforço desenvolvido para o alcance dos resultados almejados.

Assim, para perceber o que acontece nos diferentes níveis de materialidade constitutivos do objeto e poder atuar sobre ele e com ele, é preciso ter, ou desenvolver, um nível de percepção correspondente a cada nível de realidade em que o objeto observado se materializa ou se apresenta. Há processos criativos que envolvem um tipo de conhecer que é um apreender o mundo externo com o mundo interno, onde predomina a intuição que traz consigo uma nova qualidade de percepção. O indivíduo intui algo, capta a informação que, muitas vezes, está no nível inconsciente e que nem sempre vem de forma direta ao consciente. Ocorre uma espécie de introspecção, um olhar para dentro, que vai além dos níveis de percepção mais comuns. O sujeito intui e, ao mesmo

tempo, apreende e interpreta o que foi intuído. No que apreende, interpreta e compreende, ressignifica, mediante a ampliação do seu nível de percepção e de consciência sobre o objeto produzido.

Isto porque, para Nicolescu (2001), diferentes níveis de realidade são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes níveis de percepção. Este é um dos axiomas da transdisciplinaridade estabelecidos por Nicolescu (2001). Assim, podemos acender a outros níveis de realidade em função da ampliação dos níveis de percepção e de consciência do sujeito, usando uma outra lógica, a partir da qual se desenvolve uma nova compreensão que se amplia ao ser nutrida pelos operadores cognitivos para um pensar complexo.

Por exemplo, a poesia, a música, o teatro e as artes plásticas em geral, são produções humanas representadas mediante o uso de linguagens simbólicas. São conhecimentos de diferentes domínios linguísticos e que, portanto, correspondem a diferentes níveis de realidade da matéria. Os símbolos utilizados expressam o diálogo entre a experiência consciente e a inconsciente a partir do que acontece nas interações. Para Rollo May (1982), os símbolos são formas vivas que emergem do encontro entre dois polos, o objetivo e o subjetivo, em que um influencia o outro. A pintura, a poesia ou a arte cênica nascem a partir deste encontro, quando a consciência se intensifica mediante um diálogo intenso com o inconsciente e, materialização de uma fenomenologia complexa que se apresenta na construção da representação almejada e que se revela mediante a ação de processos recursivos, dialógicos, autoeco-organizadores, emergentes e transcendententes.

Ao interagir com o objeto, em um processo de criação, novas informações vão reabastecendo recursivamente o próprio processo criativo e sendo transformadas em conhecimento. Este, à medida que vai sendo construído, faz com que o artista perceba algo que anteriormente não percebia e que, aos poucos, vai alterando o objeto de sua criação. Novas percepções sobre o objeto em criação vão sendo desenvolvidas, novas nuances ou facetas vão sendo observadas,

desveladas, percebidas, exploradas, ressignificadas ou recriadas, ampliando-se, assim, os níveis de consciência do sujeito transdisciplinar em relação ao que está acontecendo. A qualidade do que emerge no ato criativo ou das informações que circulam, a partir da geração de uma espiral representativa do fluxo de informações em movimento, depende da qualidade do conhecimento gerado a respeito do objeto, do nível de percepção e de consciência do sujeito transdisciplinar. Neste sentido, concordamos com Rollo May (1982:43), ao esclarecer que *“a criatividade genuína se caracteriza por uma intensidade de percepção e por um alto nível de consciência”*.

Sob o nosso ponto de vista, *a experiência ótima*, descrita por Mihaly (1999), é um estado em que se vivencia uma experiência de natureza transdisciplinar. Seria um estado ‘T’, fruto de um estado de consciência transdisciplinar (NICOLESCU, 2002), no qual emerge um conhecimento que se materializa simbolicamente, através de linguagens formais e não-formais, sons, signos e cores, em que se manifesta um outro tipo de representação, como, por exemplo, uma obra de arte, um texto criativo ou uma nova interpretação cênica l no teatro. O processo criativo, como experiência ótima ou como experiência de pico (MASLOW, 1993), é fruto de múltiplas interações emergentes, autoeco-organizadoras e transcendentas, envolvendo os mais diferentes componentes físicos, químicos, biológicos, neurológicos, afetivos e emocionais, presentes na complexidade da condição humana que se manifesta no ato de criar, a partir do acoplamento estrutural entre o ser humano criativo e o objeto de arte emergente, em articulação com seu mundo sociocultural e o contexto em que se vive.

Criatividade e espiritualidade

“Se no passado a concepção espiritual da vida e do mundo foi coisa de monges, freiras e beatos, agora é a mais avançada ciência que nos traz a espiritualidade de volta”.

Rudolf Otto (1992)

Esclarecendo um pouco mais, sabemos que, muitas vezes, o conhecimento transdisciplinar produzido, a partir dessa dinâmica espiralada que acontece entre os níveis de realidade e de percepção do sujeito, exige, para sua materialização ou expressão em um outro nível superior, que outras dimensões humanas também se façam presentes, pois o pensamento racional, técnico e empírico é insuficiente para a materialização de um potencial criador genuíno. Para tanto, o sujeito transdisciplinar explora o que Basarab Nicolescu (2002) chama de **zona do sagrado** ou **zona de não resistência**, na qual é preciso **abandonar a racionalidade, deixando-se levar pela intuição, pelo imaginário, pelos sentimentos que afloram, pelos *insights* ocorrentes e pela consciência humana que se renova, para que as transformações interiores e exteriores verdadeiramente aconteçam e se manifestem no ato criativo como expressão do potencial criador. Este potencial que estava oculto e que se revela, se materializa através de uma obra de arte e se manifesta em um outro nível epistemológico, realiza-se como o “terceiro incluído”, cuja alquimia foi processada na zona de não-resistência. Nesta zona é que ocorre a transcendência da divisão entre sujeito-objeto, a manifestação da não – dualidade, o encontro com a totalidade. É como se fôssemos capazes de sintonizar com uma “consciência infinita”, superior à nossa e mais globalizada, capaz de nos oferecer informações e inspirações àquilo que necessitamos e que transforma a nossa compreensão sobre algo que se materializa de maneira inédita e viável.**

Não seria este um dos pontos de encontro da criatividade com a espiritualidade? Da espiritualidade humana e natural que se materializa mediante a expansão dos níveis de consciência do ser criativo? Como experiência do Eu empírico que se transforma na experiência do sagrado? Para Leonardo Boff (1993), o sagrado não está no objeto, mas na dimensão do profundo que confere totalidade e unidade à vida psíquica. Para ele, seria a

unificação do mundo interior, exterior e superior, a partir de um centro vivo e fulgurante.

Será que as grandes obras de arte, como a *Monalisa* de Leonardo da Vinci, as obras de Boticelli, de Rembrandt e de muitos outros legados artísticos da humanidade, não teriam em comum esse componente espiritual? Mas, de que espiritualidade se está falando? Falamos de uma espiritualidade laica, como aquela abordada pelo filósofo e teólogo catalão Marià Corbí (2007). Uma espiritualidade que nasce desde dentro e se apoia na interioridade e na autonomia, na criatividade e na liberdade. Espiritualidade como cultivo da dimensão absoluta da realidade, liberta de todas as formas e normas, liberada de uma direção obrigatória, de um método ou de um molde qualquer. Uma espiritualidade sem crenças, sem religiões ou deuses, como experiência absoluta do existir humano. Como experiência de fluxo que nos leva a estados alterados de consciência, a estados transcendentais que vão além do previsível, do conhecido, do estabelecido e que caminha em direção ao encontro de si mesmo, ao autoconhecimento, e que nos ajuda a melhor perceber nossas próprias potencialidades, até então adormecidas. Espiritualidade que se manifesta como estado transcendente, cujo despertar humano, pode nos levar a processos de cura interior, a partir do desbloqueio da energia emocional, da energia vital.

Entendemos que o produto artístico emergente de tais processos criativos e espirituais é, sim, fruto de um estado de consciência transdisciplinar, de um encontro profundo entre subjetividade e objetividade, de um encontro com sua própria essência e vitalidade existencial e espiritual. Tais processos acontecem, sim, na zona do sagrado, na zona de não-resistência, onde o diálogo vai além das palavras ao unir a totalidade da minha interioridade com a totalidade da minha exterioridade, resultando, assim, numa obra de arte. É neste momento do 'encontro' do ser criativo com a sua obra de arte que ele entra em sintonia com o chamado de toda realidade,

momento em que seu espírito se encontra pleno, unido à força cósmica que tudo unifica e a tudo faz convergir. A vivência do sagrado é o encontro com a plenitude do ser e que se transforma em uma fonte de sentido e de referência absoluta. É o encontro com o sagrado que gera e conserva a nossa humanidade, nos lembra Leonardo Boff (1993). É este encontro que espiritualiza o ser humano, que transforma tudo o que fazemos e tudo o que somos e queremos ser. Para Rudolf Otto (1992, p.17) *“o sagrado será sempre percebido como o que realmente dá significado, verdade, realidade e sentido à nossa existência”*.

Algo parecido aconteceu e foi descrito no trabalho desenvolvido por Dittrich (2010), em suas oficinas de arte, com um de seus alunos especiais. Essa autora atribui à condição humana a imagem de um “corpo criante” integrador de várias dimensões humanas, como uma estrutura complexa de um sistema organizacional vivo, que se autoeco-organiza em suas relações com o entorno material e espiritual. Para ela, a criatividade seria também um processo de natureza autopoietica (MATURANA, 1999), revelador de sua capacidade de criar, de se autocriar, como condição vital para a produção de uma obra de arte. Ela reconhece que o sujeito traz consigo um processo vital de auto-organização, de autoconhecimento, ao vivenciar uma relação profunda, íntima, entre a criatividade e o ser humano. É esta dimensão da autocriatividade que se revela no impulso que induz o “corpo-criante” à abertura ao novo, às novas possibilidades de ser no ato de criar. Essa mesma autora (2010, p. 180) ainda acrescenta que *“a criatividade, como mistério, é aquela experiência profunda e significativa que ocorre, imprevisivelmente, no encontro da dinâmica da vida, que se apresenta na interligação da subjetividade e da objetividade do ser humano, que se gesta e emerge da dimensão de pessoa profunda espiritual”*.

Assim, partimos do pressuposto que a expressão máxima do potencial criador humano, ao tentar estabelecer o encontro, a ponte entre o mundo interior do sujeito e o mundo exterior do objeto no momento do ato criativo, inclui, em tais processos fenomenológicos, tanto os aspectos cognitivo-

racionais, como também os intuitivos, simbólicos, míticos e mágicos, nutridos por uma energia espiritual. É algo que acontece a partir da interligação desses processos vitais intrínsecos à subjetividade humana com a objetividade revelada pela estrutura e organização da realidade, o que possibilita o alcance da compreensão e a materialização do objeto de arte construído.

A criatividade, como vivência de um processo fenomenológico transdisciplinar é, portanto, fruto de uma tessitura complexa, relacional, autoeco-organizadora, emergente e transcendente, tecida nos interstícios das vivências de um ser sensível-cultural e espiritual, consciente/inconsciente, nas tramas dos saberes e na pluralidade de percepções e significados emergentes, a partir de uma dinâmica complexa que acontece entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e os diferentes níveis de percepção do sujeito. O potencial criador se manifesta como expressão do 'terceiro incluído' ao estabelecer correspondência entre o mundo exterior do objeto e o mundo interior do sujeito, ou seja, entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e os diferentes níveis de compreensão e de percepção dos sujeitos, incluindo, aqui, não apenas os aspectos cognitivo/emocionais, mas também os pensamentos simbólico, mítico, mágico, intuitivo, bem como a dimensão espiritual. Fayga Ostrower (1987:55) nos revela que *"o impulso elementar e a força vital para criar provem de áreas ocultas do ser"*. E nós acrescentaríamos, provem da zona de não-resistência, da zona do sagrado (NICOLESCU, (2002), embora nem sempre o indivíduo se dê conta da alquimia de tais processos transformadores em movimento.

Criatividade, espiritualidade e educação

Qual seria, então, o papel da educação como potencializadora de tais processos? Vários são os autores (MATURANA e NISIS, 1997; MATURANA, 1999; TORRE e GONZALEZ, 2007; TORRE, 2019) que apontam para a importância da

qualidade pedagógica e vibracional dos ambientes de ensino e aprendizagem, indicando que tais ambientes deveriam ser pensados como cenários, como *background*, como um campo energético e vibracional para o desenvolvimento de nossas experiências. Nas palavras de Torre (2019), como espaços de ação transformadora, ou, então, como uma oficina, na qual alunos e professores sejam verdadeiros artesãos e cuja arte vai sendo tecida e entretecida de acordo com o que emerge no ambiente. Para Maturana (1999), educar é criar um âmbito experiencial. É criar circunstâncias para que a aprendizagem verdadeiramente aconteça, dentro e fora da escola e não como algo transmitido de fora para dentro. Para ele, ensinar não é instruir, já que aprendizagem envolve a corporeidade humana, com suas capacidades sensório-motoras (percepção e ação), dependendo dos contextos biológico, psicológico, sociocultural, emocional e espiritual. E nós nos educamos a partir da convivência, onde o aprendiz se transforma junto com os professores e com os demais companheiros com os quais convive em seu espaço relacional, tanto no que se refere às transformações na dimensão explícita ou consciente, como à dimensão implícita ou inconsciente (MATURANA e NISIS, 1997).

Se pensarmos o ambiente educacional como sendo um campo energético e vibracional, isto pressupõe o reconhecimento da existência de diferentes frequências no ambiente e que necessitam ser mais bem compreendidas e trabalhadas pelos educadores. Que frequências seriam estas? Que padrão vibracional cognitivo/emocional que essas frequências configuram? De acordo com Francisco Mora (2002), nossos receptores sensoriais, como a vista, o ouvido, o tato, a audição, o olfato e o gosto, têm a finalidade e a capacidade para realizar esses contatos entre o sujeito e o mundo que o cerca. E, nesses contatos, tais receptores se convertem em transformadores de energia, ou seja, transformam um tipo de energia como a da visão, constituída de ondas eletromagnéticas, em impulsos elétricos, para que a mensagem possa ser levada para o nosso cérebro. Desta forma, as informações chegam ao cérebro como códigos elétricos a serem processados pelos neurônios e transmitidos a outras partes do nosso corpo.

O mesmo acontece com as ondas sonoras ou as partículas químicas presentes no gosto e no olfato e que, para serem processadas e transformadas pelo cérebro, dependem desses tradutores para que o aprendiz possa situar-se adequadamente no mundo em que vive e dar conta da finalidade maior de sua existência. Após o processamento dessas informações pelo córtex cerebral é que elas são transferidas às áreas motoras do cérebro para realização de determinada conduta.

Para Versyp (2006, p.8), *“a ordem molecular do corpo físico é uma pequena rede complexa de campos de energia entrelaçados e o ser humano é uma unidade de consciência, produto das interações desses diferentes campos de energia”*. Assim, essa autora confirma *“que o ser humano é um sistema de energia em interação, em vibração contínua”* (2006:17) e que as diversas manifestações da matéria, como a força da mente e do espírito, resultam de estados vibracionais. Segundo ela, cada órgão, cada célula do nosso corpo, possui uma frequência própria, um padrão vibracional que está em harmonia com o padrão vibracional do corpo inteiro, desde que se tenha boa saúde.

Se estas teorias fazem algum sentido, podemos então começar a pensar nos ambientes de aprendizagem como cenários educacionais, como oficinas, como campos energéticos e vibracionais, como circunstâncias que possam ou não colaborar para o desenvolvimento cognitivo/emocional e espiritual dos sujeitos aprendentes. Como oficina ou como cenário, implica um espaço onde existe conhecimento, arte, espontaneidade, criatividade, fluxo de informações (Torre e Gonzalez, 2007). Um espaço para explicar novos conceitos e o desenvolvimento de novas habilidades, para explorar novas ideias, para trabalhar as emoções, para cultivar atitudes e sentimentos positivos e desenvolver as demais competências humanas necessárias. Um espaço para se construir processos políticos e uma nova consciência planetária que nos ajude a não descuidar de nossas responsabilidades sociais e de nossos compromissos políticos, no sentido de gerar maior responsabilidade individual e coletiva em relação à sustentabilidade

e à preservação da vida, a partir do que acontece na sala de aula, na escola e na comunidade, relacionando, sempre que possível, os acontecimentos locais e globais, bem como nossas dimensões humanas, planetárias e cósmicas.

Assim, cabe aos educadores e, em especial, aos arteterapeutas, criar ambientes como cenários ou oficinas, como espaços conversacionais dinâmicos e fluidos. Um lugar para experimentação, diálogo, criação, descoberta e transformação. Um ambiente agradável para se viver/conviver, para formar e se transformar. Um ambiente dinâmico, aberto, com flexibilidade estrutural e organizacional, potencializador de criatividade, dialogia, solidariedade, responsabilidades compartilhadas e facilitador de processos auto-eco-organizadores emergentes e transcendentais.

Desta forma, nossa grande preocupação neste momento, é como pensar em estratégias de aprendizagem prazerosas, criativas, acolhedoras, multidimensionais, interativas, geradoras de ambientes de aprendizagem, emocionalmente saudáveis, prazerosos, alegres, agradáveis, produtores de campos vibracionais positivos, onde pensamentos e crenças influenciam positivamente os comportamentos, tanto dos alunos quanto dos professores. Ambientes não apenas para aprendizagem de determinados conteúdos, mas, também, para o pleno desenvolvimento das inteligências individuais e coletivas, para a evolução do pensamento, da consciência e do espírito. Tudo isto logicamente associado à necessidade de maior conscientização político-social de natureza transformadora, como pretendia nosso querido professor Paulo Freire. Isto porque precisamos questionar a existência de padrões vibracionais destrutivos e beligerantes que, hoje, interferem nos ambientes educacionais e destacar a importância de nossas crenças e de nossos exemplos, não apenas para nossas vidas, mas, principalmente, para a vida de nossos alunos.

Assim, em um ambiente de aprendizagem, educadores e educandos constituem o que Von Förster (1974) chama de sistema observante, no qual as influências são múltiplas e recíprocas. Para fazer com que o ambiente seja um

espaço agradável de convivência e de transformação, que favoreça processos de aprendizagem e de desenvolvimento humano, é preciso não apenas conhecer profundamente novas teorias e saber como aplicá-las, mas, sobretudo, aprender a operar as dinâmicas energéticas desses ambientes, no sentido de facilitar a criação de cenários e redes de aprendizagem integrada, nutridos por processos conversacionais apoiados nos fundamentos da Biologia do Amor propugnado por Maturana (2015). Isto porque o amor traz consigo a aceitação do outro, o seu reconhecimento, o acolhimento do outro e para que a tarefa educativa possa realizar-se como tal, esses cuidados e atitudes precisam estar presentes.

É preciso também aprender a fazer leituras adequadas, oportunas e confiáveis das diversas correntes de energia de diferentes frequências que perpassam o ambiente de aprendizagem a partir de leitura e compreensão dos estados emocionais dos alunos, da maneira como se apresentam, como focam sua atenção, como direcionam suas intenções, como se relacionam uns com os outros, enfim, como eles sentem a pulsação da vida dentro de si.

É importante também pensar na sala aula ou nos ambientes de aprendizagem como espaços para a configuração de identidades e para a construção da cidadania, lembrando que, mais do que nunca, as novas gerações estão necessitando de espaços para reflexão e autoconhecimento, para que possam entrar em contato com seus desejos, com suas aspirações mais profundas, com suas angústias, tendo em vista a grave crise de identidade que as novas gerações vem sofrendo, em função da volatilidade das relações, dos processos esquizofrênicos a que estão submetidos e a falta de sentido de suas vidas.

Assim, necessitamos de espaços que ajudem o aprendiz a alimentar o seu saber interior, a provocar momentos de fruição, de relaxamento, de concentração, de atenção e entrega de suas emoções. Espaços que promovam a integração corpo, mente e espírito, que cultivem a alegria e o prazer em aprender, que valorizem uma escuta mais sensível e maior responsabilidade social e planetária. Espaços amorosos, não competitivos, liberadores da criatividade e dos diferentes

talentos aprisionados, facilitadores das mais ricas experiências cognitivas, emocionais, espirituais e sociais, promotores de processos que levem ao autoconhecimento e à autoformação. Precisamos de novos espaços nos quais os processos intuitivos e espirituais sejam respeitados e valorizados para que o espírito humano possa aflorar em sua beleza, ser reconhecido em sua grandeza e magnitude, para que o poder interno do indivíduo possa ser resgatado, facilitando assim o caminho e o caminhar de cada um e possibilitando a realização da finalidade maior de sua existência.

Considerações finais e provisórias

Todavia, há muito ainda a ser trabalhado sobre esta temática. Apenas iniciamos o diálogo com aqueles que desejem continuá-lo. Entretanto, um dos aspectos que mais dificulta a renovação de nossas atividades educativas, a mudança paradigmática tão urgente e necessária, é a insuficiência de bases teóricas científicas presentes na formação dos profissionais da educação, associada à dificuldade de repensar sobre o seu próprio pensar, e sobre a qualidade da prática pedagógica desenvolvida. De um modo geral, no que se refere à formação docente, cada ano que passa, percebe-se que ela vai ficando mais empobrecida, criando, assim, uma série de impedimentos e dificuldades para se trabalhar as questões de natureza ontológica e epistemológica nas práticas pedagógicas desenvolvidas, no sentido de garantir que a complexidade e a transdisciplinaridade se convertam em propostas concretas de ação e de intervenção no sistema educativo. A deficiência curricular e a fragilidade teórica e epistemológica dos cursos de formação pedagógica são cada vez mais gritantes, problema, hoje, acentuado pela ligeireza dada pelos cursos de pedagogia à distância. A complexidade e a transdisciplinaridade são teorias também muito importantes para a fundamentação dos trabalhos na área de arteterapia, ao

oferecer um leque de compreensões que muito enriquece os fundamentos desta área tão relevante.

Assim, resumindo, podemos dizer que a criatividade é, sob o nosso ponto de vista, expressão de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar que requer diferentes formas de expressão e de materialização do conhecimento ou do objeto artístico, diferentes linguagens, dentre elas, as corporais, lúdicas, poéticas, estéticas, musicais, meditativas, que levem o sujeito transdisciplinar a explorar a riqueza de seu mundo interior, a se autoconhecer melhor, a perceber potencialidades até então adormecidas, ou até mesmo, a curar sua energia emocional, desbloqueando sua energia vital.

Todo conhecimento de natureza transdisciplinar enagido de um processo criativo de natureza complexa procura explorar aquilo que circula entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e de percepção do sujeito, atento, inclusive, àquilo que se encontra na ordem implicada, dobrada, escondida dentro de cada um de nós e que se materializa a partir do diálogo intuição/emoção e razão, conhecimento noturno/diurno, (PAUL, 2009). A criatividade aciona todas essas dimensões humanas e muito mais. Aciona também os processos autoeco-organizadores emergentes e transcendentais, que acontecem em nossa corporeidade, envolvendo os aspectos físicos, químicos, biológicos, neurológicos, emocionais e espirituais presentes na condição humana.

Todas essas dimensões se manifestam no ato criativo e se revelam a partir de uma alquimia processada na zona de não-resistência ou zona do sagrado, levada pela intuição, pelo imaginário, pelos sentimentos e *insights* que afloram e pela consciência que se renova. É este encontro com o sagrado que espiritualiza o ser humano e faz emergir uma consciência transdisciplinar que une o ser criativo com sua obra de arte. A criatividade é um dos caminhos para se chegar a esta espiritualidade natural que emerge no processo criativo e se revela através do objeto de arte. É ela que une a espiritualidade e a arte.

Cabe então à educação e, em especial, ao arteterapeuta, criar os ambientes propícios a essas emergências, os cenários educativos como campos energéticos e vibracionais que potencializem tais experiências criativas e espirituais. Ambientes que favoreçam tanto o desenvolvimento pleno das inteligências individuais e coletivas, a evolução do pensamento da consciência e do espírito, como também de sua consciência político-social de natureza transformadora.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. Soriano de; FLEITH, D. de S. Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2003. Disponível em: Acesso em: 21 fev. 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722003000100002>.

AMABILE, T. M. Como (não) matar a criatividade. **HSM MANAGEMENT**. Ano 2, n.12 pg 111-6, Jan/Fev 1999.

BOFF, L. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: A emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993.

BÖHM, D. A ordem implícita e a ordem super-ímplicita. In: (org.) WEBER, R. **Diálogos com cientistas e sábio**: a busca da unidade. São Paulo: Cultrix, 1991.

BÖHM, D. **A totalidade e a ordem implicada**: uma nova percepção da realidade. São Paulo: Cultrix, 1992.

CORBI, M. **Hacia una espiritualidad laica: sin creencias, sin religiones, sin dioses**. Barcelona: Herder, 2007.

CSIKSZENTMIHALY, M. Society, culture, and person: a systems view of creativity. Em R. J. Sternberg (Org.), **The nature of creativity** (pp. 325-339). New York: Cambridge University Press, 1988.

CSIKSZENTMIHALY, M. **Creativity**. New York: HarperCollins, 1996.

CSIKSZENTMIHALY, M. **Fluir**: Una psicología de la felicidad. Barcelona: Editorial Kairós, 1999.

DITTRICH, M. G. **Arte e criatividade, espiritualidade e cura**: a teoria do corpo-criante. Blumenau/SC: Nova Letra, 2010.

HERRÁN GASCÓN, A. de la. Contribución al concepto de creatividad: un enfoque paquidérmico (1ª parte). **Educación y futuro**, v.21, p.43-70, 2009.

- HEISENBERG, W. Teoria, crítica e uma filosofia, In A. Salam, W. Heisenberg, P. Dirac, **A unificação das forças fundamentais: O desafio da física contemporânea**, Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1993.
- LUKACS, J. Heisenberg's recognitions: The end of the scientific world view, In J. G. Burke, **Cience y culture in the western tradicion: Sources and interpretations**, p.257-261. Scottsdale, AZ:Gorsuch Scarisbrick Publishers, 1987.
- MASLOW, M. **El hombre autorrealizado: Hacia una psicología del ser**. Buenos Aires: Troqvel/Kairós. 1993.
- MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- MATURANA, H.; DÁVILA, X.Y. **El árbol del vivir**. Santiago/Chile: MVP Editores/Escuela Matriztica, 2015.
- MAY, R. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.
- MITJÁNS, A. **Criatividade, personalidade e educação**. Campinas/SP: Papirus, 1997.
- MORA, F. **Continuum: ¿Como funciona el cerebro?** Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- MORAES, M. C. **Paradigma Educacional Emergente**. Campinas/SP: Papirus, 1997.
- MORAES, M. C. **Ecologia dos saberes**. Complexidade, transdisciplinaridade e educação. Novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Willis Harman House/Antakarana. Brasil, 2008.
- MORAIS, R. **Espiritualidade e educação**. Campinas/SP: Centro espírita Allan Kardec: Departamento Editorial, 2002.
- MORIN, E. **O Paradigma perdido: a natureza humana**. Sintra/Portugal: Publicações Europa América, 1990.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: (org.) SCHNITMAN, D. F. **Novos paradigmas e cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MORIN, E et al. **O problema epistemológico da Complexidade**. Sintra/Portugal: Publicações Europa-América, 1996.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MORIN, E. **O Método 01: A natureza da natureza**. Sintra: Publicações Europa-América, 1997.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

- MORIN, E. Complejidad restringida y complejidad generalizada o las complejidades de la complejidad. **Revista Utopía y Praxis latinoamericana**, julio-septiembre, año/vol12, N. 12. Universidad del Zulia, Maracaibo. Venezuela. Pp.107-119; 2007.
<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27903809>. Acessado em 17/07/2010.
- NICOLESCU, B. “Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade. In: **Educação e transdisciplinaridade I**. Brasília: UNESCO, 1999.
- NICOLESCU, B. **Ciência, sentido e evolução**: a cosmologia de Jacob Boehme. São Paulo: Editorial Attar, 1995.
- NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001.
- NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade II**. Brasília: UNESCO, 2002.
- NICOLESCU, B. **Nós, a partícula e o universo**. Lisboa: Esquilo Edições. 2005.
- NICOLESCU, B. Transdisciplinariedad: Pasado, presente y futuro. In: ESPINOSA, A. C.; GALVANI, P. (coord.), **Transdisciplinariedad y formación universitaria**: teorías y prácticas emergentes. Puerto Vallarta: CEUArkos, 2014.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- OTTO, R. **O sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- PAUL, Patrick. **Formação do sujeito e transdisciplinaridade**: história de vida profissional e imaginal. São Paulo: Trion, 2009.
- PAUL, Patrick. **Saúde e transdisciplinaridade**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- PRIBRAM, Karl. Qual a confusão que está por toda a parte. In: (org.) Wilber, K. **O paradigma holográfico e outros paradoxos**: uma investigação nas fronteiras da ciência. São Paulo: Cultrix, 1991.
- PRIGOGINE, I. O reencantamento da natureza. In Renée Werber (org), **Diálogos com cientistas e sábios**: A busca da unidade perdida. São Paulo: Cultrix, 1986.
- PESSIS-PASTERNAK, G. Ilya Prigogine: Arquiteto das estruturas dissipativas, in G. Pessis-Pasternak, **Do Caos à Inteligência Artificial: quando os cientistas se interrogam**. São Paulo: UNESP, 1993.
- PRIGOGINE, I. O fim da ciência, In D. F. Schnitman, **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- RIBEIRO, O.; MORAES, M. C. **Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar**: rompendo crenças, mitos e concepções. Brasília: UNESCO/Líber livro, 2014.

- SAKAMOTO, C. K. Criatividade: uma visão integradora. In: **Psicologia: teoria e prática**, 2(1), p.50-58, 2000.
- SHELDRAKE, R. **La nueva ciencia de la vida**. Barcelona: Kairós, 1990.
- SHELDRAKE, R. **O renascimento da natureza**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- STERNBERG, R. The Nature of Creativity. In: **Creativity Research Journal**, 2006, Vol. 18, No. 1, 87–98.
- TORRANCE, E. **Criatividade: medidas, testes e avaliações**. São Paulo: Ibrasa, 1976.
- TORRE, S. de la. **Dialogando com a criatividade**. São Paulo: Madras, 2005.
- TORRE, S. de la; VIOLANT, V. **Comprender y evaluar la creatividad: como investigar y evaluar la creatividad**. Málaga: Ediciones Aljibe, 2006.
- TORRE, S; GONZALEZ, M. Los escenarios, una estrategia formativa. En Torre, Pujol y Sanz (Coord) **Transdisciplinarietà y ecoformación**. Madrid: Universitas, 2007.
- TORRE, S. Campos de energia: Abriendo una puerta a la Transdisciplinarietà Creadora. **Recreate: Revista de Creatividad Total**. Santiago de Compostela/ES, <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate07/Seccion1/1.%20Torre%20Camposenergia%2011marz07.pdf>. Acessado em janeiro de 2019.
- VERLUIS, A.; NICOLESCU, B. Transdisciplinarietà y consciencia: hacia un modelo integrado. I Javier Collado Ruano et al. (orgs.). **Revista Científica de Investigación Educativa de la UNAE**. N. 03, 2018. Pp17-36.
- VERSYP, T. **La dimensión cuántica: de la física cuántica a la conciencia**. Barcelona: Cargrafics. 3ª. ed. 2006.
- VÖN FORSTER, H. Construindo uma realidade. In: (org.) WATZLAWICK, P. **A realidade inventada**. São Paulo: Editorial Psy, 1974.
- WERBER, R. **Diálogos com cientistas e sábios: A busca da unidade perdida**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- WEBER, R. O universo que dobra e desdobra: uma conversa com David Böhm. In: (org.) WILBER, K. **O paradigma holográfico e outros paradoxos**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- WECHSLER, S. M. Issues on stimulating creativity in the schools: a south american perspective. In: ISAKEN, Scott G. et al. **Nurturing and Developing creativity: the emergence of a discipline**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1993.